



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

FLAVIA BERNARDES ALVES

**O RECONHECIMENTO DA BIOFILIA COMO ALICERCE PARA A EDUCAÇÃO:  
REFLEXÕES E RELATOS SOBRE PRÁTICAS COMPROMETIDAS COM A  
RECONEXÃO E A NATUREZA**

RIO DE JANEIRO  
2017

FLAVIA BERNARDES ALVES

**O RECONHECIMENTO DA BIOFILIA COMO ALICERCE PARA A EDUCAÇÃO:  
REFLEXÕES E RELATOS SOBRE PRÁTICAS COMPROMETIDAS COM A  
RECONEXÃO E A NATUREZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Escola de Educação da Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro como requisito final para  
obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Lea Tiriba

RIO DE JANEIRO

2017

## CATALOGAÇÃO NA FONTE

A474 Alves, Flavia Bernardes.  
O reconhecimento da biofilia como alicerce para a educação: reflexões e relatos sobre práticas comprometidas com a reconexão e a natureza / Flavia Bernardes Alves. – 2017.  
43 f.

Orientadora: Lea Tiriba.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Escola de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Biofilia – Teses. 3. Crianças – Teses. I. Tiriba, Lea. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Escola de Educação. IV. Título.

CDU 37.02

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste trabalho, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito necessário para a obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia. Qualquer citação atenderá as normas de ética científica.

---

FLAVIA BERNARDES ALVES

Monografia apresentada em: / /

---

Orientadora: Profa. Lea Tiriba

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

---

1º Examinador - Profa. Lea Tiriba

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

---

2º Examinador - Prof. Celso Sánchez

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

---

Coordenador

Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro – UNIRIO

RIO DE JANEIRO

2017

Para todos os filhos da Terra

## AGRADECIMENTOS

A gratidão é profunda e eu a ofereço, como quem oferece flores, para todos os que estiveram e estão ao meu lado nesta longa caminhada.

Agradeço ao meu pai, que me instigou a vida inteira a seguir os caminhos do coração. Sou grata aos meus irmãos Igor, Iuri e Iran por cada uma de nossas brincadeiras e vivências na infância, e por cada reencontro em nossas vidas como adultos. Sou grata à minha mãe por me ensinar o amor pelo sol, o mar, a música e o vento; e sou grata à minha filha Fernanda, por me ensinar sobre o amor incondicional e a impermanência. Gratidão, vovô Luiz, pelas poesias; vovó Yedda, pelo chão.

Agradeço a todos os professores que me trouxeram até aqui... Cada um deles está e estará em meu coração. Gratidão à Lea Tiriba, por toda a inspiração, pelas ideias, as escolhas pedagógicas e as ações. Grata também aos queridos professores Celso, Maria Luiza (Luli), Adrienne, Márcio, Andréa, Diego, Carmen, Leonardo, Claudia, Adriana, Ana Cristina, Vera, Moema, Sandra, Aliny, Marcela, Damiro e Lucia.

Gratidão aos espaços onde eu toquei com os meus pés no chão da escola... E sou grata ao CAp da UFRJ, à Escola NAU e à Casa Monte Alegre. Como na canção escoteira, eu canto: *grata, grata, grata, gratíssima!* Vivi, Leandro Henrique, Hebe, Erika, Celi, Cibele, Val, Nena e Cris. Obrigada por cada oportunidade de crescimento, vivências, rupturas, mudanças, dúvidas, exemplos, aprendizado e tecituras.

Aos amigos tão queridos que são parte essencial para os alicerces da vida: Martha, Tatyana, Fabrícia, Juliana, Carol, Ana Maria, Alessandra, Andreia, Milinha e Alessandra; Izabella, Lucy, Lídia, Rafaela, Paula, Fernando, Pacha, Malu, Mônica, Alan, Clarinha e Raphael; Carlos Paulino, Dudu e Francisca; Laís, Regina, Mary e Raika... À toda a minha turma de 2012.1 noturno; e ao incrível e amado grupo GiTaKa: Amanda, Fylena, Priscila, Jéssica, Katarina e Manu; Kátia, Frê, Luzi e Maria.

Por fim, começo e eternidade; gratidão ao meu melhor amigo, companheiro de jornadas, risadas, afeto e amor: Leandro Mattos. Sem você e seus olhos de galáxias, sem as nossas risadas e abraços; eu simplesmente não conseguiria.

Gratidão por cada momento cotidiano e por todo o apoio que eu sempre encontrei em todos vocês. Muito obrigada por acreditarem em mim, pela paciência com as minhas ausências, por me enxergarem como eu sou e por sonharem um mundo melhor, junto comigo.

## RESUMO

Na busca de soluções para os problemas da educação precisamos compreender que a crise vai muito além da escola. Ela é sistêmica, civilizatória e a nossa História, a da espécie humana, nos trouxe até aqui. Segundo Carvalho (2012), a crise que enfrentamos é a disfuncionalidade de nossa visão de mundo e é apenas encarando o espelho que conseguiremos buscar caminhos que sejam verdadeiramente transformadores. Um possível caminho é reconhecermos a insustentabilidade do capitalismo, compreendendo a biofilia como uma verdade e a natureza como direito de todos; em especial para as nossas crianças. Segundo Wilson, a biofilia é a tendência inata dos humanos de focar na vida e em seus processos (WILSON, 1984); é o amor à vida. Esta busca de novos caminhos para a humanidade é a busca por uma revolução que comece de forma individual e atinja a escala planetária (GUATTARI, 2001), pois apenas assim as transformações necessárias serão reais. Precisamos pensar em soluções para os mais diversos problemas e uma das soluções mais imediatas para os desafios da educação é o desemparedamento de nossas crianças em uma proposta de reintegração com o universo do qual somos parte (TIRIBA; PROFICE, 2017). Essa monografia é uma reflexão acerca de todas as questões acima levantadas, que estão profundamente conectadas a nossa própria humanidade e ao nosso futuro.

Palavras chave: Reconexão. Biofilia. Educação. Desemparedar.

## **ABSTRACT**

In the search for solutions to education's problems, we need understand that the crisis goes far beyond school. It's systemic, civilizing, and our history, of the human species, has brought us here. According to Carvalho (2012), the crisis we face is that our worldview is dysfunctional and only by looking in the mirror, we'll be able to find transformative paths. Some possibilities are recognizing the unsustainability of capitalism, understanding biophilia as truth and nature as a right to all humans; especially our children. According to Wilson (1984), biophilia is the innate tendency of humans to focus on life and its processes; it's the love for LIFE. This search for new paths is the search for a revolution that begins individually and reaches the planetary scale (GUATTARI, 2001), because only then the transformations will be real. We need think about immediate solutions for the most diverse problems, and one solution for those challenges, specially when we talk about schools, is that we need knock down walls, searching for a reintegration with the universe of which we are already part (TIRIBA; PROFICE, 2017). This monograph is a reflection about the questions raised above, which are deeply connected to our own humanity and our future.

**Key words:** Reconnection. Biophilia. Education. Knock Down Walls.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Crianças mostrando as mãos com tintas feitas de terra.....	10
Figura 2 - Flores Cosmos em Petrópolis, RJ.....	13
Figura 3 - Menina de 4 anos brincando com pedrinhas.....	19
Figura 4 - Elementos da Natureza.....	20
Figura 5 - Quintal de Estrelas, de Fabrícia de Carvalho.....	23
Figura 6 - Pintura com tintas naturais em algodão cru.....	25
Figura 7 - Oficina de tintas com pigmentos naturais e terras.....	25
Figura 8 - Piaba, o brinquedo de vento, feito de papel.....	26
Figura 9 - Alguns dos desenhos feitos na reflexão coletiva, UNIRIO, 2017.....	28
Figura 10 - Reflexão sobre a infância dos sonhos, UNIRIO, 2017.....	29
Figura 11 - Oficina de Mandalas com elementos da Natureza.....	30
Figura 12 - Oficina de Mandalas com elementos da Natureza, UNIRIO, 2017.....	30
Figura 13 - Mandalas feitas com elementos da Natureza.....	30
Figura 14 - Oficina de brincadeiras em uma escola pública.....	33
Figura 15 - Oficina de brincadeiras em uma escola privada.....	34
Figura 16 - Oficina de tinta feita com terras.....	34
Figura 17 - Oficina com diversas atividades oferecidas de forma simultânea.....	37
Figura 18 - Crianças dando banho na Maria.....	38

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 A SITUAÇÃO DE EMPAREDAMENTO</b> .....	14
<b>2 AS EXPERIÊNCIAS: OFICINAS NA UNIRIO</b> .....	24
<b>3 ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: AS OFICINAS NAS ESCOLAS</b> .....	31
<b>4 CONSIDERAÇÕES: DESEMPAREDAR É PRECISO!</b> .....	399
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42

Figura 1 - Crianças mostrando as mãos com tintas feitas de terra



Fonte: acervo GiTaKa

## INTRODUÇÃO

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. (BIRRI apud GALEANO, 1994)

Este trabalho é uma reflexão sobre o afastamento de algumas sociedades humanas da natureza, as angústias e algumas consequências geradas por essa ruptura; e alguns relatos sobre experiências e práticas vividas como aluna do curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a UNIRIO; durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil. Essas vivências mostraram caminhos reais e possíveis para a reconexão com a natureza nas escolas e em espaços formais de educação.

No capítulo 1 (um) faço algumas reflexões sobre a situação de emparedamento<sup>1</sup> de nossas crianças (TIRIBA, 2005), que é reflexo da forma de viver de nossa sociedade ocidental do século XXI e a necessidade urgente que temos – nós, humanos – de uma reconexão profunda com a natureza. Volto o meu olhar para autores que me inspiram e instigam a buscar os caminhos possíveis para minha vida, para o meu cotidiano como professora de educação infantil e para os meus posicionamentos diante do mundo, como filha da Terra. Nos capítulos 2 (dois) e 3 (três) escrevo o meu testemunho como parte de um protagonismo coletivo de práticas simples e belas, através de breves relatos de encontros e oficinas que aconteceram no decorrer de 2017 com adultos e com crianças e que nos movem para a natureza.

Esse cenário múltiplo no qual vivemos é a agulha que tece o dito e segue construindo malhas do pensar, fazer... Tece a construção de nossas realidades. Muitos discursos precederam o meu – muito foi vivido, experienciado – e, por isso, o texto está impregnado não só dessas vivências, mas da minha visão sobre elas. (OLIVEIRA, 2013, p.19)

Aqui, nesta introdução, compartilho um pouco sobre mim mesma, de como essas ideias e conceitos, bordados brevemente nesta monografia, tornaram-se

---

<sup>1</sup> **Emparedamento**: conceito cunhado pela Professora Doutora Lea Tiriba, em sua tese de doutorado.

fundamentais para definir o que acredito, o que sinto e quem eu sou; como protagonista de minha vida e de minha história.

Desde pequena eu conseguia perceber que havia algo errado com o mundo. Apesar do encanto, do azul no céu e do vento, da voz de minha mãe cantando, de brigas e abraços nos irmãos, das estórias que ouvia de meu pai... Apesar de ter tido a comida nos meus pratos, ter dançado ciranda na areia, ter brincado de elástico, pique e amarelinha... Apesar de tudo isso, eu via além. Na minha limitada percepção de mundo, eu sentia medo de passarmos fome, toda vez que via pessoas dormindo nas ruas, chorava quando via cães e animais atropelados na estrada, estranhava as gaiolas para os pássaros, e gostava de brincar com troncos, folhas e frutas. Eu gostava de abraçar árvores, até que o crescer fez os olhares alheios inibirem este meu antigo hábito (hoje eu ainda toco nelas, discretamente, para não me tomarem por louca). Havia algo errado e eu tinha fragmentos de pistas do que poderia ser.

Sendo meu pai comunista, apesar de minha mãe não gostar do assunto, vira e mexe, algum comentário ou frase que vinha dele chamava a minha atenção. Se estávamos assistindo a TV, discreto, ele quase falava consigo mesmo, uma vez que a ideia de proteção de minha mãe era nos envolver em uma espécie de redoma que nos isolaria do mundo. Porém, mesmo com todas as redomas, sementes muito importantes acabaram sendo plantadas, inclusive as sementes que vieram de minha mãe, que amava o sol, o mar e as plantas: o amor pela Terra.

Em minhas memórias, lembro do meu amor por uma flor laranja bem comum que nasce como mato em vários lugares do Rio e de outras cidades, inclusive nos jardins de minha faculdade. Descobri apenas adulta que o nome dela é "Cosmos" e me apaixonei ainda mais. Quando eu era criança ficava fascinada pela sua cor intensa sob a luz do sol e pelo contraste que ela faz no céu azul e límpido. Sempre a encontrávamos quando íamos para uma pracinha brincar em Jacarepaguá, onde moramos por algum tempo. Assim, quando eu a vejo, lembro da infância, das risadas, da minha mãe levando os quatro filhos para a praça, do sol e do vento.

Quando eu era criança a minha brincadeira favorita era "faz de conta". Os cenários, nomes, *histórias* e *estórias* se desenrolavam por séculos! Não apenas horas. A percepção do mundo era diferente, era mais leve, experimentadora. Não havia limites de gravidade, de gênero, de idade, de fronteiras. Flores eram naves espaciais, bonecas eram coadjuvantes para as tramas e os humanos, os personagens principais. Eram (re)existências das mais diversas. Eu e meus irmãos (re)significávamos tudo!

Até as brincadeiras de “escola”, onde nos tornávamos arqueólogos, cientistas, cozinheiros, pais, mães, reis, rainhas, sereias, princesas, combatentes de vampiros. Os *espaçotempos* eram o nosso domínio... Os cenários mais marcantes eram todos ligados à natureza, como os muitos quintais ou a natureza em si, como a praia de Candeias<sup>2</sup>.

Em minhas jornadas como adulta, além de estudante, filha, irmã, esposa, amiga, aluna e tantas outras facetas, também sou professora. No momento, estou no chão da educação infantil, mais especificamente do berçário, com um grupo de crianças que têm cerca de dois anos e todos os dias eu aprendo com eles. Sejam as risadas ou os silêncios, os olhos curiosos, a sede por livros e histórias ou o desinteresse, as danças e movimentos na busca pelo domínio do próprio corpo, as brincadeiras livres, o espanto com a lagartixa salva ou com a borboleta inesperada que sobrevoa o grupo; sejam os abraços espontâneos, os tapas que aprendo a mediar ou as mordidas (outro aprendizado complicado de mediação); seja a flor amarela que ganhei do Antônio. Eu percebo, recebo e aprendo a ser professora todos os dias: com a prática, com as crianças e as companheiras de trabalho e em todas as redes que teço com todos aqueles com quem compartilho este mundo.

Você terá de navegar dispondo de uma coisa apenas: seus sonhos. Os sonhos são os mapas dos navegantes que procuram novos mundos. Na busca dos seus sonhos você terá que construir um novo saber, que eu mesmo não sei... E os seus pensamentos terão de ser outros, diferentes daqueles que você tem agora. (ALVES, 1994, p.92)

Um mundo mais justo, a Utopia, passa pelo reconhecimento do fato de sermos, todos, parte do planeta Terra. Isso significa respeito real pela natureza, pelos animais e por todos os demais humanos; e assim, estamos falando de uma nova forma de existirmos, de mudanças de paradigmas. Isso significa repensar profundamente a sociedade, a educação, as instituições e seus aparelhos, todos os mecanismos e as ações humanas.

A compreensão da biofilia como parte de nós mesmos, a espécie humana, é uma ideia com potencial regenerativo e que pode nos trazer uma parte das transformações urgentes para o nosso mundo; e as forças necessárias para encararmos o espelho do que nos tornamos.

---

<sup>2</sup> Bairro de Jaboatão dos Guararapes, município próximo à Recife, Pernambuco.

Neste trabalho de conclusão de curso eu ofereço minhas reflexões e relatos das vivências como se oferecesse algumas sementes das flores laranjas de minha infância, porque acredito que as mudanças, além de possíveis, precisam ser reais.

Figura 2 - Flores Cosmos em Petrópolis, RJ



Fonte: Acervo pessoal.

## 1 A SITUAÇÃO DE EMPAREDAMENTO

“Por que depedras tanto a natureza  
Homem insensato de viver sem tino?  
Tua vida sem ela é uma incerteza  
Triste, sem ela, será o teu destino.

Com teu hábito mau de destruir  
Alteras o ritmo normal da vida.  
Onde chega teu progresso, vai o poluir,  
Levando bagagem, de morte bem provida.

É tempo ainda de mudar o rumo.  
Do que tens feito, analisa bom resumo  
E deixarás a ilusão, conhecerás a verdade.

Busca vencer teus erros seculares,  
Mister se faz vida nova começares,  
Despertando enfim, para a grande realidade.”

(“Desperta!”, poema de LUIZ GONZAGA DA COSTA ALVES)

Diante do espelho de nós mesmos podemos contemplar o que somos: fatos, formas, números, dados, lágrimas e sorrisos, mãos, clamores, sonhos, canções e vazios. Diante da História podemos buscar a compreensão dos caminhos percorridos, dos erros e acertos da humanidade. E o futuro? O espelho<sup>3</sup> não mente quando percebemos que da forma como está não poderemos prosseguir; do jeito que é, não há futuro. O presente carregado de opressões, diferenças hierarquizadas, injustiças, vozes silenciadas e caminhos negados; nos mostra que chegamos ao limiar de nossa espécie. O planeta Terra está entrando em um novo período de extinção em massa (WELLE, 2017) e desta vez, fomos nós, humanos, que o provocamos. Entretanto, como diz Profice (2016), não se trata de salvar o planeta porque a Terra irá prosseguir e se recriar; trata-se de salvarmos a nós mesmos e ao máximo de espécies irmãs que pudermos.

Há uma crise de paradigmas porque há uma crise na civilização hegemônica como a conhecemos: ocidental, eurocêntrica, capitalista, branca e masculina. Nos complexos processos de construção das visões de mundo, entram também as singularidades, por sermos, cada um, únicos. As realidades se entrelaçam como uma

---

<sup>3</sup> A **metáfora do espelho** foi usada por Marco Aurelio Biblio Carvalho, em sua tese de doutorado.

rede em um cenário múltiplo destas construções coletivas e individuais, e assim, ainda que não percebamos isso de forma consciente, o que afeta o outro, afeta todos direta e indiretamente. Não existe separação entre os filhos da Terra.

Alguns autores afirmam que o afastamento entre crianças e ambientes naturais também podem contribuir para a formação de gerações pouco comprometidas com os problemas ambientais, pois existe uma estreita relação entre sentir-se parte do mundo natural e protegê-lo. (TIRIBA; PROFICE, 2014, p.64)

As sociedades humanas são construídas de forma contínua e dinâmica, através de seus aspectos culturais e históricos (OLIVEIRA apud VYGOTSKY, 1995). Há um olhar coletivo em todas as nossas decisões, a forma como vivemos, nossas escolhas e a forma como a nossa percepção para o Universo é estruturada. Existe cultura em tudo aquilo de ruim que é feito pelo homem: guerras, dores, conflitos, injustiças sociais, ambientais e cognitivas; e em cada um de nossos problemas. Há também cultura em nossas artes, amor, poesias, afetos, leveza e em cada possível solução para o nosso caos destrutivo.

As múltiplas crises que nos cercam são apenas sintomas com uma mesma origem: há cerca de dez mil anos os seres humanos mudaram a sua forma de habitar e viver no planeta, passando do nomadismo à fixação na terra pela agricultura. Em essência, nos afastamos gradativamente da Natureza e passamos, século após século, a hierarquizar saberes, conhecimentos, povos e culturas.

Essa hierarquização alicerçada no antropocentrismo que se fortaleceu no Iluminismo e acentuada pelo cartesianismo<sup>4</sup>, gera as desigualdades, injustiças e opressões como as conhecemos hoje: machismo, racismo e especismo<sup>5</sup> em todas as sociedades patriarcais e capitalistas; bem como a separação entre razão, emoção e corpo, como se isso tivesse sido possível algum dia na história da humanidade. A ruptura com a natureza tornou-se vertiginosamente perigosa nos dois últimos séculos com o fortalecimento da sociedade industrial e a ascensão de um modelo de vida consumista, que vê o próprio planeta de forma utilitária e imediatista.

---

<sup>4</sup> **Cartesianismo:** Sistema filosófico de Descartes. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/cartesianismo>>; acesso em dezembro de 2017.

<sup>5</sup> **Especismo:** Teoria que defende a superioridade de uma espécie, notadamente a espécie humana, sobre outra ou outras.

A exposição a ambientes, onde a força da natureza se faz sentir é uma questão de saúde mental. Embora ainda não assumido como tema da pauta ambientalista, há contundentes evidências para essa afirmação. E por que é assim? Porque somos natureza, nas dimensões psíquicas e orgânicas, natureza humana e natureza são uma coisa só, sendo a própria psique um estágio evolutivo da vida, e de modo algum inexistente nas outras espécies. (CARVALHO, 2012, p.25)

Cabe ressaltar que existem as resistências, os grupos ancestrais, tribos indígenas e grupos humanos que mantiveram e mantêm em suas culturas e formas de viver a sua conexão com a Natureza. Entretanto, a hegemonia que traz a destruição é, a cada dia, mais globalizada e precisa ser enfrentada, confrontada e resistida. Guattari (2001) nos fala sobre a indignação perante um mundo que se deteriora.

Segundo Boaventura de Souza Santos (2003), essa visão globalizada é nada mais do que uma compreensão ocidental da realidade. Não pode haver uma globalização de fato quando a diversidade é inesgotável. Porém, se não construirmos uma visão crítica sobre o mundo, como poderemos buscar a transformação que almejamos e combater tantas injustiças? É no momento que o indivíduo toma consciência de seu lugar histórico que ele começa a se libertar, porque percebe que faz parte de uma rede que conecta tudo e todos em uma mesma trama. Percebe as opressões em suas jornadas e as possibilidades de caminhos futuros. Tudo está interconectado! Os problemas sociais, a crise ambiental, a crise educacional, a crise política e etc.; nada pode ser separado porque a compartimentação da realidade em bolhas ou gavetas é uma ilusão humana.

É preciso quebrar as estruturas do antropocentrismo e superar as muitas dicotomias ultrapassadas de nossa forma de existir. As sociedades humanas também precisam lidar com as profundas desigualdades de raças, gêneros e classes sociais.

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e materiais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. (GUATTARI, 2001, p.9)

E onde entra a educação neste cenário? Não posso basear meus argumentos apenas em exceções, por mais que elas pareçam ser luzes e guias através de toda esta névoa onde nos perdemos. O que as exceções nos mostram é que existem caminhos diferentes e possíveis; e uma educação que possibilite a reconexão com a

natureza surge como possibilidade real de agente de transformações. Através da educação e dos exemplos, as mudanças necessárias e almejadas para tudo e todos poderão ser reais. Todos aprendemos uns com os outros (FREIRE, 2011) e é através de diálogos que poderemos buscar soluções e possibilidades de reinventarmos nosso mundo, nossas relações e realidades. Reinventar maneiras de ser (GUATTARI, 2001).

Se até então, a escola hegemônica de nossa sociedade tem sido um aparelho ideológico de reprodução das estruturas (ALTHUSSER, 1983) e silenciadora das diferenças nas sociedades ocidentais e capitalistas, e serve diretamente às classes dominantes (MESZAROS, 2005), com louváveis exceções; ela pode e deve ser diferente disso para a maioria de nós. Apenas através do aprendizado (educação) da compaixão e da solidariedade (e é aprendizado – aí que entra a necessidade de uma educação libertadora) poderemos tecer planos e sonhos para um futuro melhor (MORIN, 2011), com maior igualdade de oportunidades, respeito verdadeiro à natureza (pois somos parte dela), aos nossos semelhantes e aos demais filhos da Terra.

Muitas vezes o óbvio precisa ser dito por sermos singularidades, pois os diálogos nos aproximam e é nas trocas de ideias que nos fortalecemos se permanecermos abertos aos aprendizados. A humanidade precisa resgatar seu amor inato pela Terra e seus filhos antes que seja tarde demais.

A Biofilia se refere ao apego natural que temos à Natureza e aos seus seres (PROFICE apud WILSON, 2016). “Somos parte da natureza” e isso nos remete aos grupos ancestrais e aos indígenas, que praticavam e praticam isso em seus cotidianos, conferindo às árvores, rios, animais, nuvens e mares, montanhas, montes, terra e ar; um certo quê de sacralidade; que foi completamente perdido pela mercantilização da vida inerente ao capitalismo.

Essa busca pela conexão perdida com a natureza e pelo respeito pelos animais não humanos pode ser percebida em diversos grupos e setores de nossas sociedades. São organizações não governamentais que criam projetos e programas, como por exemplo, o Criança e Natureza do Instituto Alana<sup>6</sup>; são associações e locais de camping; grupos de amigos que fazem trilhas e passeios ao ar livre; escolhas cotidianas (muitas vezes individuais) por alimentos orgânicos e/ou vegetarianos

---

<sup>6</sup> **Programa Criança e Natureza.** Disponível em: <[www.criancaenatureza.org.br](http://www.criancaenatureza.org.br)>. Acesso em: dezembro de 2017.

(afinal, cerca de 80% do desmatamento da floresta Amazônica tem conexão direta com a pecuária (A PECUÁRIA..., 2016)); organizações de boicotes contra empresas que fazem testes em animais não humanos; pesquisas sérias pela abolição do uso de animais não humanos em testes<sup>7</sup>; grupos que lutam pelo direito à viver livres dos animais marinhos, como o Instituto Sea Shepherd<sup>8</sup>; criação de santuários no lugar de Zoológicos; reflexões deliberadas sobre o modo de viver no capitalismo (questionamentos sobre o consumismo, por exemplo); cooperativas de reciclagens; petições e movimentos de pressão popular contra empresas associadas ao trabalho escravo; produção crescente de documentários que questionam a educação hegemônica e tradicional como a conhecemos no mundo ocidental (“Educação Proibida”; “Caramba Carambola, o brincar tá na escola”; “Quando sinto que já sei”; “Escolarizando o mundo”); e a nossa forma de viver enquanto espécie (“Tarja Branca”; “O Começo da Vida”; “Home/Lar”; “A História das Coisas”, “Man”).

Em flagrante desrespeito às definições legais expressas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), aprovadas em 2009 pelo Conselho Nacional de Educação, creches e pré-escolas funcionam como instituições de sequestro, assemelham-se ainda hoje a quartéis e prisões. (TIRIBA, 2014, p.124)

Compreender a natureza como um direito de nossas crianças é o primeiro passo na direção das mudanças que buscamos, e por ser uma compreensão contra hegemônica torna-se um posicionamento político. É resistência e luta. Guattari (1990) nos fala sobre a indignação diante do mundo que deteriora, sobre reinventarmos a nossa forma de ser. Fica muito claro que são as escolhas individuais que podem ter a potência de mudar a realidade como a conhecemos. Cada escolha influencia e interfere nas possibilidades uns dos outros, e são as interações que produzem as possibilidades do semear, do arar a terra da alma e de ser semeado, se estivermos abertos ao aprendizado perene que é a própria vida.

---

<sup>7</sup> **Instituto 1R:** <<http://www.instituto1r.org>>. Acesso em: dezembro de 2017.

<sup>8</sup> **Sea Shepherd:** <<http://seashepherd.org.br>>. Acesso em: dezembro de 2017.

Figura 3 - Menina de 4 anos brincando com pedrinhas



Fonte: Acervo pessoal.

Os dados do CENSO<sup>9</sup> do Brasil de 2010 não mentem: a maior parte de nossas populações vivem em centros urbanos; e os complexos contextos da vida urbana impõe vidas emparedadas às nossas crianças. Da casa às escolas, nossas crianças passam a maior parte de suas infâncias cercadas por paredes. Os intervalos entre as aulas muitas vezes acontecem em locais onde a natureza foi banida, como pátios cimentados ou com britas, quadras ou os corredores das instituições educacionais.

Durante a disciplina de Estatística Aplicada à Educação, cursada em 2015, foi solicitada para a turma uma pesquisa pertinente ao nosso curso. Movidas por nossas inquietações diante dos cotidianos escolares vividos e testemunhados, juntamente com outras três colegas; optamos por fazer uma pesquisa sobre o livre brincar. Nosso trabalho recebeu o título: “O TEMPO E O LUGAR DO BRINCAR NO COTIDIANO ESCOLAR”. Entrevistamos, através de um questionário, 52 (cinquenta e dois) professores de educação infantil e de ensino fundamental. Nossa principal hipótese foi comprovada: Na passagem da Educação Infantil para o ensino Fundamental ocorre uma diminuição do livre brincar. O tempo dedicado às brincadeiras da Educação Infantil é, na maioria das respostas, uma hora ou mais. No Fundamental, meia hora.

Sobre os espaços, a pergunta foi onde seria o espaço do livre brincar, oferecendo opções objetivas de respostas, para a elaboração de gráficos e para avaliarmos estatisticamente as situações das crianças. As opções eram: pátio, sala de aula, ambos e outros; e pedíamos para que especificassem os lugares se

---

<sup>9</sup> **Censo Demográfico 2010.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>, acesso em dezembro de 2017.

assinalassem a última opção. Em nossos resultados, pudemos perceber que apesar de existir a resposta “ambos” (pátio e sala de aula) nas respostas de Educação Infantil, em nenhum questionário a resposta foi “apenas na sala de aula”. As respostas variaram, mas foi apenas nos questionários de Educação Fundamental encontramos a restrição (quase violenta) do espaço do brincar.

Esses resultados, ainda que representem uma amostra muito pequena das realidades da cidade do Rio de Janeiro, refletem nossa forma de viver e de existir em sociedade. O que isso significa para as nossas crianças? Significa o emparedamento. Menos tempo para as brincadeiras, para a liberdade de percorrer os espaços, menos natureza e assim, menos desenvolvimento da biofilia.

Alguns autores afirmam que o afastamento entre crianças e ambientes naturais também pode contribuir para gerações pouco comprometidas com os problemas ambientais, pois existe uma relação estreita entre sentir-se parte do mundo natural e protegê-lo. (TIRIBA; PROFICE, 2014, p.64)

Há escolas que já decidiram desemparedar as suas crianças, tirando cimento dos pátios e permitindo a terra, as plantas e as pedras; outras escolas, que, por ausência de possibilidades, levam as suas crianças semanalmente para ambientes diferentes, ou abertos e/ou naturais. Há escolas, como as Reggio Emilia, que usam elementos da Natureza (pedras, galhos, conchas, areia, folhas e muitas outras possibilidades) como referência ao belo, às formas e à arte<sup>10</sup>.

Figura 4 – Elementos da Natureza



Fonte: Acervo do The Charleson Park Atelier

<sup>10</sup> **Atelier Reggio Emilia** (exemplos do uso cotidiano dos elementos da Natureza nas escolas): <<https://br.pinterest.com/susanafilipe21/atelier-reggio-emilia>>, acesso em dezembro de 2017.

Outras escolas notáveis são as escolas de floresta (Forest School), que crescem em número por todo o mundo, e que elegeram a natureza como chão, como aprendizado e como meio. Estas escolas surgiram na Dinamarca, em 1950, e ao longo dos anos se disseminaram no país e por toda a Europa.

Nos jardins de infância florestais, as crianças brincam, exploram a área verde, observam insetos, cuidam de animais como coelhos, constroem estruturas de madeira, cantam, escutam histórias, dormem em cabanas abertas e cozinham sobre fogueiras, além de aprenderem sobre matemática, biologia e outras disciplinas com a ajuda de objetos naturais ou observação do ambiente. (MILHORANCE, 2016)

É na interação com a natureza que ocorre o cotidiano escolar, os aprendizados, as trocas e as múltiplas possibilidades de caminhos, dos mais diversos, e que atendem às singularidades de cada criança e cada adulto. Nestas escolas de floresta a chuva e a neve fazem parte dos aprendizados, assim como o respeito profundo pelo tempo das crianças, por sua autonomia e pelo planeta Terra.

No Brasil existem as escolas ligadas a tradições ancestrais e aldeias indígenas em lugares não urbanos, onde as formas de viver são formas de resistência ao sistema capitalista e às opressões de um Estado que não oferece o devido respeito e proteção para essas populações; e é importante a ressalva que nestas escolas há uma maior aproximação entre a educação institucionalizada e a natureza em si, uma vez que esses grupos têm suas vidas regidas pelos ciclos naturais e eles compreendem a natureza como parte de si mesmos.

Um exemplo notável em nosso país é o das as escolas municipais de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Inspirados por utopias e pela tese de doutorado da professora Lea Tiriba (2005), a rede de ensino de uma cidade do Rio Grande do Sul decidiu desemparedar suas crianças (FLEURY, 2016). Passaram por um processo gradual de conscientização de toda a rede: professores, diretores, pais, comunidade (redor da escola) e remodelaram espaços externos e internos, repensaram tempos e agendas! Eles desemparedaram, de forma concreta, ainda que parcialmente, as suas crianças.

A Secretaria de Novo Hamburgo, desde então, reconheceu a importância de investir no propósito de desemparedar, conceito defendido pela professora Lea Tiriba, que destaca a importância de conquistar espaços que estão para além dos muros escolares: terreiros, jardins, plantações, riachos, descampados, etc., que podem ser explorados como lugares de

aprendizagem onde se ouvem histórias, se desenha, se brinca, se relaxa e se trabalha uma grande diversidade de conhecimentos. Mas como começar? O espaço verde, por si só, não garante o contato da criança com a natureza. É preciso começar pelos educadores, conquistar os espaços externos das escolas junto com eles e oferecer-lhes experiências diretas, afetivas e sensoriais, para que eles também se reencontrem com a natureza e acessem a sua criança interior como fonte nutridora de sua dimensão lúdica. (FLEURY, 2016)

Há também, no Brasil, o crescimento das escolas de Pedagogia Waldorf (SETZER, 1998), onde a educação é claramente contra hegemônica, encara o ser humano de forma mais ampla (vai além do racionalismo cartesiano) e a natureza ganha reconhecida importância nos processos de ensino e aprendizagem.

Ela é uma pedagogia holística em um dos mais amplos sentidos que se pode dar a essa palavra quando aplicada ao ser humano e à sua educação. De fato, ele é encarado do ponto de vista físico, anímico e espiritual, e o desabrochar progressivo desses três constituintes de sua organização é abordado diretamente na pedagogia (...) Cada escola é independente da outra: o único que as une é o ideal de concretizar e aperfeiçoar a pedagogia de Rudolf Steiner, visando formar futuros adultos livres, com pensamento individual e criativo, com sensibilidade artística, social e para a natureza, bem como com energia para buscar livremente seus objetivos e cumprir os seus impulsos de realização em sua vida futura. (SETZER, 1998)

Esta busca pela reconexão com a natureza, por mudanças significativas em nosso mundo chegou também às universidades e faculdades... E não apenas nos cursos ligados a Biologia e ao meio ambiente (motivações muito racionais e evidentes por si), mas chegou também aos cursos ligados à educação: são encontros, seminários, dissertações, teses, oficinas e livros (muitos podem ser encontrados na criteriosa e cuidadosa seleção feita pelo Programa Criança e Natureza, do Instituto Alana; chamada de ACERVO<sup>11</sup>). Dezenas de artigos dedicados aos questionamentos sobre o aprisionamento dos corpos das crianças, sobre a domesticação exigida pelo sistema capitalista, sobre o desemparedar como alicerce para as mudanças que são almeçadas e sobre o chão da escola.

O que isso nos diz? São as práticas (ainda) alternativas que nos causam os maiores impactos emocionais, cognitivos e nos modificam de uma forma mais significativa e profunda. As subjetividades precisam ser valorizadas (saberes e olhares), os afetos. Não há nenhum motivo para que sigamos na loucura cartesiana de separação de razão e emoção, de mente e corpo. Tiriba (2014) diz que as novas

---

<sup>11</sup> **Acervo.** Disponível em: <<https://criancaenatureza.org.br/biblioteca>>

práticas pedagógicas apontam para a superação da escola da revolução industrial e que precisamos quebrar a identificação do lugar de aprender com a sala de aula.

Se a interação com os ambientes naturais é condição para o desenvolvimento pleno das crianças, ela é um direito humano, e não algo que os(as) professores(as) e a escola devem oferecer como lazer ou como prêmio. (TIRIBA; PROFICE, 2014, p.69)

A utopia de uma educação que nos veja como seres biofílicos não pode seguir apenas no imaginário, e como somos seres de natureza e de cultura (TIRIBA, 2014), essa percepção precisa ser ensinada e aprendida. Precisamos de uma educação ética, repleta de espaços para a criatividade, inovações, cooperação, reflexão, ações, trocas, experimentações, artes (aqui podemos incluir: literatura, música, teatro e todas as manifestações que aqui cabem), e a lista poderia seguir por muitos parágrafos; só que esta educação precisa estar alicerçada na natureza.

Figura 5 - Quintal de Estrelas<sup>12</sup>, de Fabrícia de Carvalho



Fonte: Acervo pessoal.

---

<sup>12</sup> “**Quintal de Estrelas**”. Disponível em: <[www.facebook.com/quintaldeestrelas](http://www.facebook.com/quintaldeestrelas)>, acesso em dezembro de 2017.

## 2 AS EXPERIÊNCIAS – OFICINAS E VIVÊNCIAS NA UNIRIO

“Refazer paisagens primitivas  
Recompondo matas e capoeirões,  
Fazendo novamente as árvores nativas  
Acobertarem montes e extensos chapadões.

Ver novamente correrem os rios  
Surgirem as lagoas e os açudes,  
Dourar o sol as copas dos coqueiros,  
Cobrirem-se de flores os taludes.

Rever os tangarás em revoadas coloridas,  
E ninhos engastados nas árvores floridas,  
Tornar a ouvir da juriti o lamento.

Sentir o ar saudável, leve, perfumado,  
Tal como sentia o homem do passado,  
Serão os louros do reflorestamento.”

(“Reflorestamento”, poema de LUIZ GONZAGA DA COSTA ALVES)

As experiências de formação no Estágio Supervisionado em Educação Infantil, disciplina ministrada professora Lea Tiriba no primeiro semestre de 2017; tiveram como foco uma formação alicerçada em estudos (textos) e em vivências, que envolveram aprendizagens diversas, além de reflexões individuais e coletivas. Na parte mais prática, além das observações cotidianas, o objetivo era nos prepararmos para executar pelo menos 4 (quatro) oficinas de brincadeiras com as crianças em 2 (duas) escolas de Educação Infantil: uma instituição municipal e pública; e uma escola particular; ambas localizadas no bairro da Urca, Rio de Janeiro. Essas vivências, onde atuei como mediadora, tinham como objetivos a ampliação de repertórios de canções tradicionais, brinquedos e brincadeiras; uma vez que tenho experiência por fazer parte do projeto cultural “Quintal de Estrelas”<sup>13</sup>.

Na primeira oficina com as estudantes, além de um repertório de músicas que citam a natureza, brincamos com “Tintas de pigmentos naturais e terras de diversos tons”. A apresentação dos elementos e materiais da oficina foi feita da forma mais orgânica possível, com uso de utensílios de palha, tons de terra e verdes, folhas secas e sementes de urucum para provocação dos sentidos e do belo. Cantamos,

---

<sup>13</sup> “**Quintal de Estrelas**”. Disponível em: <[www.facebook.com/quintaldeestrelas](http://www.facebook.com/quintaldeestrelas)>, acesso em dezembro de 2017. Idealizado por Fabrícia de Carvalho, o projeto leva diversas atividades para crianças de todas as idades (incluindo atividades relacionadas ao mundo natural), nos mais diferentes espaços, entre eles: jardins, museus, parques e festas.

conversamos sobre possibilidades de materiais diversos para levarmos essas propostas das tintas naturais para as crianças (papelão, cartolinas, folhas secas) e pintamos em algodão cru.

Figura 6 - Pintura com tintas naturais em algodão cru



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 7 - Oficina de tintas com pigmentos naturais e terras



Fonte: Fotografia de Fylena Melo

A segunda oficina foi de brinquedos e brincadeiras. Ensinei a “Roda de Verso” para as minhas colegas, compartilhando com elas quadrinhas tradicionais do cancionero do Brasil. Cantamos “Eu morava na areia”. O brinquedo aprendido foi um brinquedo de vento chamado “Piaba”, feito com folhas de revistas, papel crepom, barbante, palito de bambu, fita crepe e cola do tipo bastão. Também ensinei a brincadeira de roda que leva o mesmo nome.

Nas oficinas ofertadas (...) (piabas, tintas e Mandalas com elementos naturais) aprendemos a abordar e propor essas atividades para as crianças. (Diário de Bordo de Mariana Magalhães)

Apreendi muito também (...) As piabas e as tintas naturais fizeram toda a diferença nos trabalhos das crianças. Tudo tão orgânico, natural, reaproveitando materiais, usando elementos da natureza como galhos, folhas e pedras. (Diário de Bordo de Kátia Botto)

De todos os encontros vivenciados, escolho um que foi tão sensível, tocante e singelo, que foi quando (...) nos ensinou cantigas de roda. Foi uma sensação tão boa e calorosa, que nos remeteu a nossa infância, aos amores e nos fez pensar na importância da demonstração da afetividade. (Diário de Bordo de Pâmella Miranda)

(...) essas aulas foram fundamentais para debatermos sobre o que poderíamos inserir ou não nas oficinas, e de que outras maneiras poderíamos usar tais ideias nas distintas idades. (Diário de Bordo de Tamires Florencio)

Os objetivos eram exatamente esses: nos prepararmos para as oficinas com as crianças, fazendo trocas de conhecimentos, de ideias, de brincadeiras e de foco na natureza; nos divertindo, nos conhecendo melhor e crescendo juntas.

Figura 8 - Piaba, o brinquedo de vento, feito de papel



Fonte: Acervo pessoal.

Durante a VII Semana De Educação<sup>14</sup> “Tânia Mara Tavares”, que aconteceu na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em maio de 2017, no espaço das oficinas que ficaram sob a responsabilidade da professora Lea Tiriba; foram feitas

<sup>14</sup> **VII Semana de Educação da UNIRIO.** Disponível em: <[https://docs.wixstatic.com/ugd/8935fe\\_87f0e7df4710468e9b5554cc538b4657.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/8935fe_87f0e7df4710468e9b5554cc538b4657.pdf)>, acesso em dezembro de 2017.

exibições de vídeos, debates e reflexões sobre as infâncias urbanas e uma oficina mediada por mim de “*Mandalas com elementos da Natureza*”.

No começo da tarde fizemos as exposições de dois vídeos do programa Criança e Natureza do Instituto Alana<sup>15</sup> e começamos uma reflexão coletiva sobre as infâncias urbanas na cidade do Rio de Janeiro.

A pergunta motivadora para a primeira parte da conversa foi: “*Como vocês veem as crianças nos dias de hoje? Como são as escolas e cotidianos?*”. Algumas das respostas escritas, desenhadas (papel pardo) e conversadas foram: “Tecnologias” (desenho de um celular, de um tablet); “Presas entre paredes, sem contato com a natureza”; “Consumismo”; “Adultização”; “Sem espaço para ser”; “Emparedadas”; “Controle”; “Mini adultos digitais – Crianças sem tempo de ser criança”.

Os compromissos com agendas; as distrações causadas pelos usos diversos das tecnologias (em especial os smartphones); a violência dos centros urbanos; a necessidade dos pais de trabalhar cada vez mais para garantir a sobrevivência ao sistema capitalista (em especial a mãe, nestas novas configurações de sociedades); os deslocamentos em cidades que não priorizam o direito à mobilidade urbana; a velocidade imposta pelas modernas civilizações humanas... Tudo isso, obviamente, atinge as nossas crianças em cheio em qualquer um dos ambientes onde ela esteja, seja a sua casa, a escola ou outros espaços humanos.

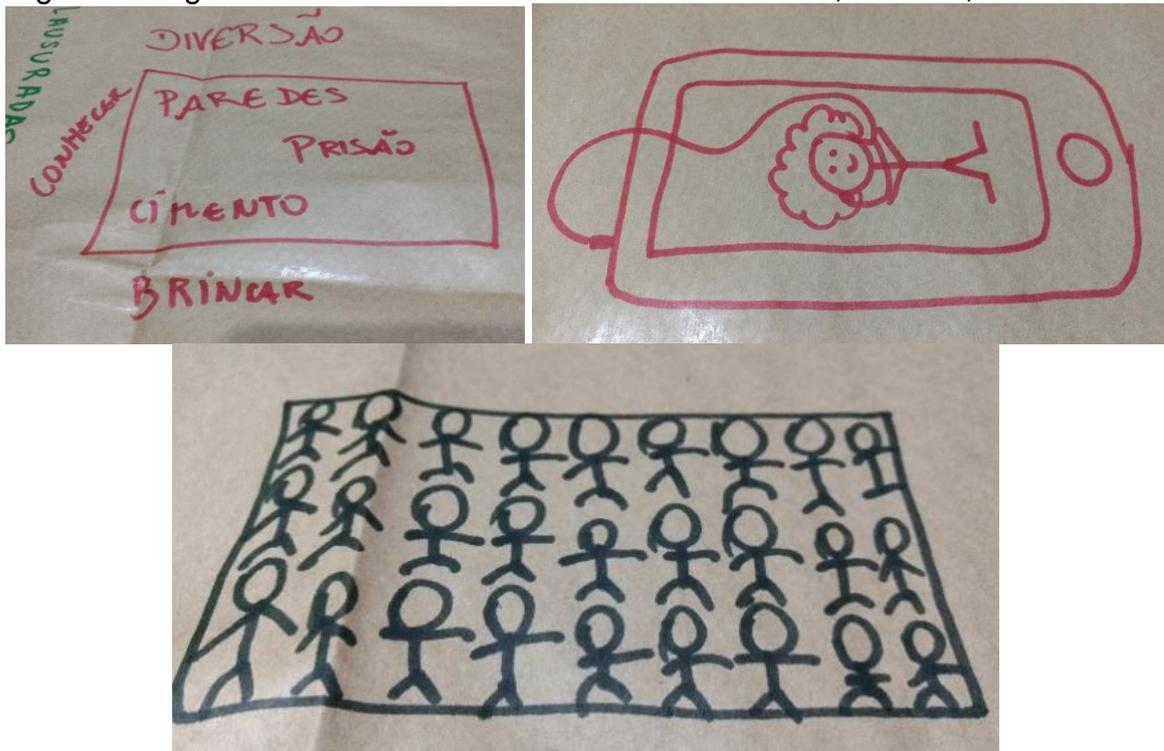
É importante ressaltar que as falas foram muito pertinentes e responsáveis. Falamos sobre uma infância utópica, mas todos os que participaram da roda de conversa e da reflexão, o fizeram com a consciência da existência de muitas infâncias. Citaram crianças sendo usadas para os trabalhos escravos (pedreiras, por exemplo); alguém falou sobre a fome; citaram as desigualdades sociais que marcam gerações; citaram o racismo (falaram das periferias); falamos sobre as diferenças de gêneros e as violências impostas sobre as meninas; sobre as condições de viver nas periferias urbanas e sobre direitos.

Minha hipótese é que, por estarmos dialogando com estudantes de diversas licenciaturas, em especial, estudantes de Pedagogia; a consciência da multiplicidade de problemas e de variáveis era clara.

---

<sup>15</sup> Sites: [www.criancaenatureza.org.br](http://www.criancaenatureza.org.br) e [www.alana.org.br](http://www.alana.org.br) , acesso em dezembro de 2017.

Figura 9 - Alguns dos desenhos feitos na reflexão coletiva, UNIRIO, 2017



Fonte: Acervo pessoal.

A segunda pergunta foi: “Qual é a infância dos sonhos?”; e essas foram algumas respostas (escritas e desenhadas em um papel pardo): “Autoconfiança, contato com a natureza”; “Brincar”; “Espaço para correr”; “Tempo e brincadeiras com adulto e sem”; “Menos tecnologia, mais bagunça”; “Cheio de compromisso afetivo dos pais”; “Crianças livres, vivas, curiosas”; “Em contato com o mundo, livre, sem medo”; “Com amor e na paz. Liberdade”; “Natureza”; “Espontaneidade”; “Ser”; “Liberdade” (palavra desenhada dentro de um coração com asas); “Livre de autoritarismo”; “Tendo contato com a natureza”.

É quase uma ideia de “paraíso perdido”, com direito à natureza, liberdade, brincadeiras, tempo, afeto, proteção e cuidados. Como a primeira parte da reflexão conjunta tinha abordado aspectos muito difíceis e reais, procuramos conduzir esta segunda parte com mais leveza, movendo o grupo com cuidado na direção da utopia. Escutamos cada um e alguns preferiram ficar em silêncio, deixando apenas o registro escrito de seus próprios pensamentos. Falamos sobre a natureza como direito e conversamos sobre a biofilia e a necessidade de desemparedarmos as nossas crianças.

Figura 10 - Reflexão sobre a infância dos sonhos, UNIRIO, 2017



Fonte: Acervo pessoal.

Na sequência, alunas do curso de Pedagogia da UNIRIO apresentaram trabalhos e oficinas feitos na disciplina de Educação Infantil e também Estágio em Educação Infantil, em duas escolas, uma pública e uma privada, ambas localizadas na Urca. Entusiasmadas, mostraram fotos, vídeos, trechos de textos e leis (Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças e Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil) e belos textos autorais e reflexivos sobre as práticas vividas com as crianças: brincadeiras ao ar livre, brincadeiras com elementos da natureza, brincadeiras tradicionais da infância brasileira (nossa ancestralidade), brincadeiras nos pátios, na praia vermelha, na água, no vento.

A reação de quem viveu as oficinas era de evidente deleite; os que não conheciam, olharam as fotos e os vídeos com grande curiosidade e atenção, elogiando e fazendo algumas perguntas ao final das exposições. A maior parte das dúvidas era sobre o consentimento de ambas as escolas para a realização das oficinas com as crianças.

Perto do final do dia, fizemos todos juntos a oficina de sensibilização: *Mandalas com elementos da natureza*. Pedras, folhas secas e verdes, flores, sementes, conchas, temperos (alecrim fresco, canela em pau), cascas de árvores e outros. Elementos simples, baratos: pedras, conchas, folhas secas, flores e outros. Beleza na forma de apresentá-los: esteira de palha, cestos de palha e vime, tecidos coloridos e floridos, círculos e outras formas de algodão cru. Nenhuma instrução além de tocar e

sentir os elementos e sentir a música de origem indígena cantada coletivamente em tom suave. Sem cola. Sem costura. Tato, olfato, visão... Audição (cantamos duas músicas suaves). Figuras fluidas capturadas apenas pelas fotografias de registro.

Figura 11 - Oficina de Mandalas com elementos da Natureza



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 12 - Oficina de Mandalas com elementos da Natureza, UNIRIO, 2017



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 13 - Mandalas feitas com elementos da Natureza



Fonte: Acervo pessoal.

### 3 ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: AS OFICINAS NAS ESCOLAS

Nós escutamos o barulho do carvalho que cai, mas não escutamos o barulho da floresta que brota. Ouvimos o ruído das torres desmoronando, mas não escutamos a consciência que desperta. No mundo de hoje há muitas coisas que desmoronam, e em geral falamos das coisas que fazem ruído, mas não falamos das sementes de consciência e de luz que estão germinando. (LELOUP, 2002)

A disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil, além dos embasamentos teóricos, nos colocou com os pés no chão das escolas. A orientação básica para o cotidiano do estágio em si e suas muitas horas de observações de campo, era olhar para as escolas e buscar comparações com orientações oficiais do Ministério da Educação do Brasil, entre elas os “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças” (CAMPOS; ROSEMBERG, 2009); e com documentos legais, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, as DCNEI (2009). A pergunta que se tornou um fio condutor era: *em que medidas as práticas cotidianas nas escolas se aproximam ou se afastam dessas orientações e leis?*

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

III - possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

IV - recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espacotemporais;

V - ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;

VI - possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar;

VII - possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade;

VIII - incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;

IX - promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;

X - promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais;

XI - propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;

XII - possibilitem a utilização de gravadores, projetores, computadores, máquinas fotográficas, e outros recursos tecnológicos e midiáticos.

(DCNEI, 2010, Art. 9º)

Com públicos diferentes, de realidades e origens diversas, as duas escolas que aparecem nos relatos analisados por mim, já mantêm práticas alternativas em seus cotidianos há vários anos, o que já as colocam como exceções no cenário educacional: os passeios regulares; espaços verdes com árvores, areia e hortas cultivadas por membros da escola e alunos. Uma delas é pública e pertence à Rede Municipal do Rio de Janeiro; a outra é privada e existe há 4 (quatro) décadas no mesmo bairro. Ambas as escolas também mantêm vínculos de parceria com a UNIRIO, recebendo há vários semestres estagiários de várias disciplinas do curso de licenciatura em Pedagogia e do curso de licenciatura em Música; entre elas: Educação infantil e Estágio supervisionado em educação infantil.

Aconteceram 4 (quatro) oficinas de brincadeiras diversas nos espaços abertos, organizadas e mediadas pelas estudantes de pedagogia. Os materiais foram preparados com antecedência pelas estagiárias, que acertaram uma história condutora, para ser usada como “pano de fundo” (‘o aniversário da Maria’ – boneca negra do grupo; ‘viagem ao reino das águas claras’): panelas reais, colheres de pau, baldes, boneca negra, tecidos coloridos diversos, fantasias diversas, ‘piabas’ (brinquedo de papel), etc. O tecido azul virou ‘mar’, um caixote de feira virou ‘fogão’, etc. Foram levados caixas de papelão, cordas, bolas, fantasias e os mais diversos materiais para brincadeiras.

Figura 14 - Oficina de brincadeiras em uma escola pública



Fonte: acervo GiTaKa

A ideia era tornar os espaços provocadores e as crianças circularam livremente pelas muitas brincadeiras, que aconteceram ao mesmo tempo; e elas só foram chamadas depois dos espaços estarem prontos para recebê-las. Estávamos oferecendo nosso tempo, disponibilidade, materiais, escuta atenta e afeto. A ideia era: observar, brincar junto, propor, desafiar, seguir, ouvir, trocar, cantar e registrar aqueles momentos em fotografias, vídeos e arte. Tudo como indicam as DCNEI.

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical. (DCNEI, 2010, Art. 9º)

Figura 15 - Oficina de brincadeiras em uma escola privada



Fonte: acervo GiTaKa

Figura 16 - Oficina de tinta feita com terras



Fonte: acervo GiTaKa

Após as oficinas, além dos sorrisos, abraços e alegrias das crianças que vivenciaram estas experiências de liberdade e de natureza (água, areia, terra, vento, sol, espaço, escolhas); as estagiárias fizeram uma roda de conversa para avaliar desde materiais até propostas de brincadeiras e canções (as que deram certo, quais não e o que fazer na próxima). Os sentimentos (sobre as oficinas), neste bate-papo informal, foram unânimes: leveza, cansaço (físico) e alegria.

Com as devidas autorizações, orientada pela professora Lea Tiriba, eu me debrucei sobre 7 (sete) relatórios da disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil, do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO, do primeiro semestre de 2017. Trata-se de um número expressivo, uma vez que representa quase 50% de toda a turma. Destes 7 (sete) relatórios, 3 (três) são da escola municipal; e 4 (quatro) são sobre a escola privada.

Os relatórios de Estágio Supervisionado são testemunhos das práticas, cotidianos e do chão das escolas. É a possibilidade para os estudantes de pedagogia (e outras licenciaturas) de irem além das teorias e dos textos acadêmicos; e poderem vivenciar, na prática, possibilidades e caminhos. E, com estes 7 (sete) relatórios não foi diferente: São complexos e trazem alegria e angústias, demonstrando que as conversas são complicadas e que o cotidiano é, muitas vezes, contraditório.

Com relação ao contato da criança com a natureza, percebi ao longo do estágio que as crianças pouco têm acesso a elementos naturais para poderem brincar, como terra, areia e água, o mais curioso é que a escola possui dois pátios onde há tais elementos. Todavia, durante o meu período de acompanhamento, apenas uma vez um desses pátios foi utilizado pelas crianças. (Diário de bordo de Danielle Ribeiro)

Fomos para o pátio. Uma parte do pátio porque a outra parte estava sendo usada por outra turma, na educação física. E lá as crianças brincaram, subiram em árvore, mas não puderam ir até a horta (o que eu achei uma pena). Até que voltamos para a sala. 'Nossas crianças têm o direito ao contato com a natureza' (CAMPOS, 2009, p.18), entretanto percebi que existem algumas restrições para esse contato, por exemplo, o acesso à horta, só no dia de horta. (Diário de bordo de Keila de Almeida)

Neste dia não visitamos a horta, e mais uma vez ficamos apenas com imagens impressas sobre o que é uma alface, uma banana, uma maçã e etc. Percebi que as crianças não demonstram muito ânimo de ver as imagens e muito menos no momento do almoço, para experimentarem a abobrinha. Para mim, a rejeição da maioria quanto ao novo alimento não foi surpresa, pois faltou elas verem, sentirem e tocarem a abobrinha crua, entenderem o processo na natureza e, aí sim, a sua chegada à mesa. (Diário de bordo de Tamires Florencio)

Ambas as escolas têm rotinas rígidas em seus cotidianos, com uma grade de horários repleta de atividades. E os 7 (sete) relatórios trazem o espanto com o distanciamento da natureza, porque as duas escolas possuem locais com áreas verdes, pátios de areia, árvores e hortas; mas mesmo assim, as crianças não têm acesso diariamente a estes espaços.

No almoço ela prometeu que se eles<sup>16</sup> se ‘comportassem’, poderiam ver o mar pela grade. O almoço foi bem agitado, mas ela os levou. Para a nossa surpresa, eles ficaram menos de um minuto contemplando o mar num dia de sol bonito e tiveram que voltar para a sala, para terminar a atividade enfadonha, ainda que visivelmente contrariados. Pensei em como eles estavam tão perto e tão longe, por não poder desfrutar da natureza ao redor. (Diário de bordo de Pâmella Miranda)

(...) percebi ao longo do estágio que as crianças pouco têm acesso a elementos naturais para poderem brincar, como terra, areia e água, o mais curioso é que a escola possui dois pátios onde há tais elementos. Todavia, durante o meu período de acompanhamento, apenas uma vez um desses pátios foi utilizado pelas crianças. (Diário de bordo de Danielle Ribeiro)

Outra similaridade constatada nos 7 (sete) relatórios é a alegria contagiante de todas as crianças no decorrer das oficinas com as estudantes de Pedagogia. As oficinas prezaram pelo respeito à cada criança, no sentido de que cada uma era livre para escolher uma das muitas atividades que aconteceram simultaneamente. Fizemos cantos diferenciados: tintas com pigmentos naturais; comidinha (com panelas de verdade, colheres de pau, potes e bacias grandes – água e areia/terra); caixas de papelão para serem reinventadas; obstáculos (espaço como provocação de curiosidade e de brincadeiras); fantasias e tecidos; piabas e pequenas varetas com papel crepom colorido; e a “Maria” (uma boneca que foi foco da história condutora).

Eu aplaudo a ideia de dividir o espaço em ambientes para que cada criança pudesse ficar onde quisesse, a possibilidade de mexer com água e com terra (eles amaram!). E a elaboração de uma ideia força<sup>17</sup> foi ótimo! Por que criou um trabalho em comum com todas as crianças. (Diário de Bordo de Keila de Almeida)

---

<sup>16</sup> As crianças.

<sup>17</sup> É a ideia de um “pano de fundo”: O aniversário da Maria (boneca); etc.

A festa da Maria foi um sucesso. Ainda em relação aos critérios de atendimento, o documento menciona sobre o direito ao contato com a natureza. E foi exatamente o que fizemos. Deixamos as crianças livres para sentirem o que a natureza tinha para oferecer.

Com um misto de saudade e alegria, me joguei ainda mais de cabeça durante a oficina. Percebi a alegria das crianças não só em rever a Maria<sup>18</sup> e fazer uma nova festa, mas também na liberdade para brincar e explorar a natureza. Me chamou a atenção notar que a exploração da curiosidade e conhecimento das crianças em relação ao físico e natureza da própria escola só ocorreu durante as oficinas. Há uma preocupação muito grande em promover a rotina e fazer as atividades 'de aprendizagem'. (Diário de bordo de Tamires Florencio)

Figura 17 - Oficina com diversas atividades oferecidas de forma simultânea



Fonte: acervo GiTaKa

Foi uma experiência maravilhosa ver as crianças realmente aproveitando os espaços que foram oferecidos para as atividades! Parecia que elas estavam redescobrendo os espaços da própria escola (...) ficou claro para mim que criança não precisa de muito para criar um mundo de coisas, bastam algumas panelas velhas, colheres de pau, areia e água, e o resto fica por conta dessas incríveis imaginações. (Diário de bordo de Kátia Botto)

Novamente as crianças ficaram envolvidas e contentes com as propostas, de modo que não queria que acabasse. (Diário de bordo de Pâmella Miranda)

<sup>18</sup> Boneca usada nas oficinas, para ser o foco do “pano de fundo” (aniversário da Maria).

É essencial que possamos compreender que o brincar e o acesso à natureza são desafios da educação infantil, porque, embora assegurados por leis e importantes documentos como direitos; os cotidianos nas instituições nem sempre asseguram isso para as nossas crianças. Um dos trechos do Artigo 9º esbarra claramente na ideia da biofilia, ainda que esse conceito não seja nomeado desta forma: “(...) *incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza.*”

Ultrapassar os muros, desemparedar: esta é uma condição para que possamos refazer os elos de proximidade com o mundo natural, para que respeitemos crianças e jovens em sua integridade como seres de natureza e de cultura. Em consequência, as propostas pedagógicas e de formação de educadores(as) precisam também se orientar por objetivos de contemplação e reverência à natureza, assim como de respeito pelas necessidades/vontades do corpo, pelo direito aos deslocamentos, aos movimentos amplos em espaços escolares que, por direito, são seus. (TIRIBA, 2014, p.135)

Figura 18 - Crianças dando banho na Maria



Fonte: acervo GiTaKa

#### 4 CONSIDERAÇÕES: DESEMPAREGAR É PRECISO!

“Quando o olhar de um só  
...tornar-se o olhar de muitos

Quando a voz que se cala  
...erguer em vozes plurais  
...pela vida e pela Terra-mãe

Perceberemos o que já somos

UM só

Entrelaçados e ligados

Um oceano cósmico  
...de possibilidades  
...de luzes

De amor”

(“Oceano”, FLAVIA ALVES)

Este trabalho é um convite para mirarmos juntos o espelho. São sementes de reflexão e nele trago alguns relatos sobre experiências possíveis, fáceis e concretas; vivenciadas no chão da escola como aluna do curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a UNIRIO; durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil.

Nesta perspectiva, para mudar, a escola precisa fundamentalmente religar seres humanos e natureza, sair, desemparegar, proporcionar vivências nos ambientes naturais, aprender com seus seres e processos. É preciso tornar mais verdes todos os ambientes, quebrar esta identificação do lugar de aprender com a sala de aula. (TIRIBA; PROFICE, 2014, p.73)

Nestas complexas redes de subjetividades não cabem as soluções prontas porque todos os caminhos possíveis para as mudanças urgentes serão locais e começam nos indivíduos. Eles seguem nas trocas que potencializam e na tecitura das ações transformadoras: o reconhecimento da profunda diversidade que nos une; a valorização dos muitos saberes; o respeito ao corpo livre e à liberdade; o resgate da escuta cuidadosa em todos os aspectos da vida humana; o lapidar do respeito pela natureza e a busca, deliberada, pelas conexões perdidas.

O que precisamos confrontar no espelho é a nossa forma de olhar para o universo e lidarmos uns com os outros e com o nosso mundo. Precisamos compreender que todas estas angústias e questionamentos que eclodiram e eclodem com força em todos os lugares, e todas estas desconfianças; estão nos levando para as transformações necessárias, para as quebras de paradigmas e as rupturas com a nossa própria cultura. Os desafios são múltiplos: cultural, sociológico e cívico (MORIN, 2011).

Essa complexidade dos problemas humanos demanda múltiplos caminhos, interações e buscas; demanda empatia, sensibilidade, compaixão e cooperação. Demanda afeto! Não pode haver verdadeira transformação em nossas sociedades se não permitirmos que as emoções humanas assumam o seu grau de importância junto ao racionalismo científico e acadêmico.

Precisamos também romper com as padronizações porque a homogeneização é silenciadora e opressora. Não existe um modelo único, uma beleza única, um único molde de vida, família, caminho ou pensamento. As hierarquizações de culturas, povos, gêneros, cor de pele, classes sociais; fizeram e fazem estragos desnecessários para a humanidade. Todos são importantes, todos somos parte uns dos outros e essa percepção torna-se, a cada dia, mais e mais urgente. O que está em xeque não é apenas o nosso futuro, porque o agora já é completamente comprometido com as injustiças e os absurdos que estão ligados a esta desconexão do homem com a natureza, com os outros homens e as demais espécies.

Extrapolando o compromisso com a transmissão de conceitos via razão e buscando abranger outras dimensões – corporais, espirituais, emocionais, estéticas – necessitamos de uma educação infantil ambiental que assuma os sentidos como fontes de prazer, felicidade e conhecimento. Essa perspectiva inclui os caminhos da arte, caminhos que passam pelo contato estreito e íntimo com a beleza de céus estrelados, com os mistérios de trovões e tempestades; caminhos atentos às manifestações da natureza animal e vegetal, que incentivam as crianças a recriá-las singularmente por meio de desenhos, pinturas, esculturas em areia e barro; que podem ser dançadas, musicadas, dramatizadas, representando diversas formas de expressão humana. (TIRIBA, 2010, p.9)

Não há respostas prontas. Há a percepção de que precisamos mudar, já embasada por pesquisas científicas oficiais e pelos sentimentos de quem tem o olhar atento para o mundo, para o outro e para si. Da forma como vivemos, não poderemos seguir. Não há soluções concretas e nem receitas prontas e infalíveis. Como diz Tiriba (1992), a revolução de vida que buscamos passa por uma escola que contribua para

uma revolução de valores, de mentalidade, lógica, atitudes e aspirações. Passa por uma mudança profunda de olhar, pela transformação do antropocentrismo em biocentrismo. Pela redescoberta da biofilia como parte de nós mesmos e como herança de nossa própria humanidade.

Viver é conhecer, conhecer é viver, num movimento que pressupõe um estado de interação entre seres vivos e meio. Assim, não há um mundo que preexiste e independe de nossas ações, não há separação entre nosso conhecimento do mundo e o que fazemos nele. Não há separação entre sujeito e objeto: ao nos movimentamos no mundo, criamos um novo mundo e nos constituímos nele. (TIRIBA, 2010, p.8-9)

O que está ao alcance de todos? As redes, que nos fortalecem. Redes que podemos tecer nas trocas de ideias, nas mudanças cotidianas das práticas educacionais, seja na Educação Infantil ou na Academia; nas mudanças que estão nas decisões individuais que são as tecituras do coletivo. Está ao nosso alcance perceber os abismos sociais e através das práticas humanizadas, as que levam em consideração o SER de forma integral, transformem vidas, caminhos e o nosso futuro enquanto humanidade.

Uma primeira explicação vem do fato que nós, humanos, como todos os demais seres e entes deste planeta, somos seres da natureza. Dela surgimos, para ela retornaremos. Somos seres biofílicos, isto é, oriundos e associados a uma grande rede que inclui o que compõe a vida em seu conjunto, elementos bióticos e abióticos. (TIRIBA, 2014, p.115)

É preciso desconstruir a lógica capitalista-urbano-industrial hegemônica (TIRIBA; PROFICE, 2014); desconstruir as desigualdades de classes; construindo um respeito profundo e real pelas diferenças de raça e gênero. É preciso que nos vejamos como parte de um planeta e não de um bairro, ou cidade. É preciso ampliar o olhar, perceber o valor de toda a vida e assim, reinventar a humanidade. E se a educação é, reconhecidamente, um alicerce para as transformações necessárias; outro que existe e precisa apenas ser reconhecido e cultivado é a Biofilia. Pois, como somos seres de natureza e de cultura, a biofilia precisa ser percebida, apesar de inata; e precisa ser cultivada como escolha, para tornar-se herança cultural de todos os seres humanos. Assim, poderemos finalmente compreender a natureza como origem, destino, caminho e direito.

Está na hora das mudanças possíveis.

Aqui e agora.

## REFERÊNCIAS

A EDUCAÇÃO PROIBIDA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gVSW652HrUg>>. Acesso em: novembro de 2017.

A PECUÁRIA é responsável por mais de 80% do desmatamento no Brasil. 2016. Disponível em: <<http://amazonia.org.br/2016/09/pecuaria-e-responsavel-por-mais-de-80-do-desmatamento-no-brasil>>. Acesso em: dezembro de 2017.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1983.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poetica, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

\_\_\_\_\_. **LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Diário Oficial da União, 1996.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1990.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6. ed. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>>. Acesso em: dezembro de 2017.

CANDAU, Vera Maria. **Didática crítica intercultural**: aproximações. Petrópolis: Vozes, 2012.

CARAMBA CARAMBOLA, O BRINCAR TÁ NA ESCOLA. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_IQWGDV81Vs](https://www.youtube.com/watch?v=_IQWGDV81Vs)>. Acesso em: novembro de 2017.

CARVALHO, Marco Aurelio Bilibio. **De frente para o espelho**: Ecopsicologia e Sustentabilidade. 2013. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/14858>>. Acesso em dezembro de 2017.

ESCOLARIZANDO O MUNDO. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=6t\\_HN95-Urs](https://www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs)>. Acesso em: novembro de 2017.

ESPECISMO. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/especismo>>. Acesso em: dezembro de 2017.

FLEURY, Laís. **A História de uma Rede Municipal que desemparedou suas crianças**. 2016. Disponível em: <<http://conexaoplaneta.com.br/blog/a-historia-de-uma-rede-municipal-de-ensino-que-desemparedou-suas-criancas/>>. Acesso em dezembro de 2017.

GALEANO, Eduardo. **Las palabras andantes**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1994, \_\_\_\_\_ . O império do consumo. **Carta Capital**, 2010. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/economia/o-imperio-do-consumo>>

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: novembro de 2017.

LELOUP, Jean-Yves. [Entrevista por Carlos C. Aveline]. **Planeta**, São Paulo, out. 2002.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**. São Paulo: Editora Aquariana, 2016.

MEIRELES, Cecília. **Cecília de bolso**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

MILHORANCE, Flávia. **O país nórdico onde crianças pequenas são ensinadas a manusear facas em plena floresta**. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36375415>>, acesso em dezembro de 2017.

MORAES, Rita Jaqueline. **Osso de árvore**. São Leopoldo, 2013. 61 f. Monografia (Especialização em Educação Infantil). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários para a educação do futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico**. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

OLIVEIRA, Roberto D.V.L. de; QUEIROZ, Glória Regina P.C. **Educação em Ciências e Direitos Humanos: Reflexão-ação em/para uma sociedade plural**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013.

QUANDO SINTO QUE JÁ SEI. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg>>. Acesso em: novembro de 2017.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento (entrevista com Boaventura de Sousa Santos). **Currículo sem fronteiras**, v. 3, n. 2, p. 5-23, jul./dez. 2003. Disponível em:

<<http://www.boaventuradesousasantos.pt/documentos/curriculosemfronteiras.pdf>>. Acesso em dezembro de 2017.

SETZER, Valdemar. **Pedagogia Waldorf**. 1998. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/27-pedagogia-waldorf>>. acesso em dezembro de 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SINGER, Peter. **O capitalismo**: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica. São Paulo: Editora Moderna, 1989.

TERRITÓRIO DO BRINCAR. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xTapOP0YmpE>>. Acesso em: novembro de 2017.

TIRIBA, Lea. **Anotações sobre EDUCAÇÃO E ECOLOGIAS**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <[http://www.nima.puc-rio.br/sobre\\_nima/projetos/viscondemaua/docs/anotacoes\\_sobre\\_educacao\\_ecologias.pdf](http://www.nima.puc-rio.br/sobre_nima/projetos/viscondemaua/docs/anotacoes_sobre_educacao_ecologias.pdf)>. Acesso em: novembro de 2017.

\_\_\_\_\_. **Crianças da Natureza**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file>>. Acesso em: novembro de 2017.

\_\_\_\_\_. **Crianças, natureza e educação infantil**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0114337\\_05\\_Indice.html](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0114337_05_Indice.html)>. Acesso em: dezembro de 2017.

\_\_\_\_\_. **Buscando caminhos para a pré-escola popular**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

TIRIBA, Lea; PROFICE, Christiana. O direito humano à interação com a natureza. In: SILVA, Aida; TIRIBA, Lea (Orgs.). **Direito ao ambiente como direito à vida**: desafios para a educação em Direitos Humanos. São Paulo: Cortez, 2014.

WELLE, Deutsche. **Mundo vive sexta extinção em massa**: e é pior do que parece. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/natureza/noticia/mundo-vive-sexta-extincao-em-massa-e-e-pior-do-que-parece.ghtml>>; acesso em dezembro de 2017.